

# Brasília-DF



**DENISE ROTHENBURG**  
deniserothenburg.df@dabr.com.br

## Jogada no escuro

É bom o ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin pensar duas vezes antes de topar ser vice de Lula. É que o PT não fechará o nome para vice tão cedo. Se o partido e Lula concluírem, em maio, que o melhor perfil para a vice é o de uma mulher ou de alguém do Nordeste, os petistas não terão a menor cerimônia em dizer a Alckmin que o cenário mudou.

## E sem condições

Só tem um probleminha: será tarde demais para o quase ex-tucano garantir uma boa legenda para concorrer ao governo de São Paulo. Afinal, embora Geraldo Alckmin tenha muito prestígio no estado, as coisas estão adiantadas, e ninguém pretende ficar esperando que ele se movimente no cenário.

## Blindado

Ao dizer no evento de Joe Biden que o Brasil está há três anos sem casos de corrupção, o presidente Jair Bolsonaro confia que, de qualquer coisa encontrada no seu governo, a culpa recairá sobre terceiros. O caso das emendas do relator, por exemplo, será idêntico ao que houve no escândalo do Orçamento da década de 1990, no qual o desgaste foi debitado da conta de deputados, senadores, governadores e prefeitos.

## O contraponto

Com a visita à Argentina esta semana, Lula completou mais um país com o qual Bolsonaro apresenta dificuldade de relacionamento. O primeiro foi a França. Outros virão antes do período eleitoral para coleta de imagens a serem usadas na campanha.

# O chamariz de Moro

Recém-chegado à seara da política, o ex-juiz Sergio Moro apresentará à disputa pré-eleitoral um trunfo de expectativa de poder para potenciais aliados: o anúncio, desde já, de que vai propor o fim da reeleição. Nesse cenário, qualquer candidato que venha a ocupar a vaga de vice na chapa do Podemos chegará com ares de presidenciável para quatro ou cinco anos depois, a depender da emenda que for aprovada no Congresso.

Há quem se refira a essa perspectiva como algo parecido com inquilino que tem direito de “compra”, em caso de venda do imóvel. Essa concertação, se levada adiante, interessará, inclusive, a João Doria, o pragmático governador de São Paulo, caso seus índices nas pesquisas continuem muito abaixo daqueles apresentados pelo ex-juiz da Lava-Jato. Até aqui, porém, a polarização permanece, e ainda há dúvidas se será possível quebrá-la.



## CURTIDAS

Rosinei Coutinho /SCO/STF



**As “trajanistas”/** Ao participar do seminário *Por estas e por outras — a Justiça pelo olhar de mulheres*, a empresária Luiza Trajano (foto) recebeu uma declaração para a Presidência da República, por parte da economista Maria Sílvia Bastos Marques. “Sei que você não é candidata a presidente da República, mas é minha candidata, tá?”, comentou Maria Sílvia.

**As “trajanistas” II/** A ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal, sempre discreta e firme, não escondeu a sua preferência. “O ministro Edson Fachin vai assumir o eleitoral no ano que vem. Quem sabe uma prosa com ele não a faz mudar de ideia?”, comentou Cármen Lúcia.

**A visão dela/** Luiza, entretanto, está firme na recusa de ingresso na política. “Não sou candidata, já estou avisando”, afirmou. “Nem a vice?”, quis saber a coluna. “Vice ainda é pior, você tem de concordar com tudo o que o outro fala.”

**Agora é que vale/** Acostumados a desprezar as pesquisas que apontam o favoritismo do ex-presidente Lula, os bolsoneiros não tiram os olhos dessas medições. Acreditam que a popularidade do presidente tende a melhorar, por causa do Auxílio Brasil de R\$ 400, pagos a partir desta semana.

## SEMINÁRIO NO STF

# Direitos das mulheres em debate

As desigualdades de oportunidades e o acesso à Justiça e ao mercado de trabalho foram temas abordados no evento

» GABRIELA CHABALGOITY\*

Nelson Jr./SCO/STF



As ministras Rosa Weber e Cármen Lúcia e a ministra aposentada Ellen Gracie com convidadas no seminário *Por estas e por outras*, realizado ontem

As desigualdades enfrentadas pelas mulheres foram um dos temas abordados, ontem, no seminário *Por estas e por outras*, coordenado pelas ministras Cármen Lúcia e Rosa Weber, do Supremo Tribunal Federal (STF), e pela ministra aposentada da Corte Ellen Gracie. Vice-presidente da instituição, Weber afirmou que o objetivo do debate foi provocar uma reflexão plural e argumentar sobre a Justiça na perspectiva feminina.

Na abertura, Cármen Lúcia, idealizadora do projeto, destacou que uma sociedade livre, justa e solidária é lei no Brasil. Ela lembrou que a Constituição é o estatuto jurídico de um projeto político de país e, no Brasil, esse estatuto prevê a obrigação de uma sociedade com essas características.

“Todos aqueles que descumprirem ou adotarem políticas ou gestos contrários à solidariedade, à justiça, às liberdades agem contrariamente à Constituição”, reforçou a ministra. Ela enfatizou que o STF tem função de guarda da Constituição e deve se pronunciar contra todas as formas de violência. Na visão da magistrada, o seminário cria um espaço para ouvir mulheres que podem levar a novas reflexões, na busca pela sociedade desenhada pela Constituição Federal.

Ellen Gracie comentou que houve avanços, mas que não é o momento de estagnar e “cair no conformismo”. “Não podemos permitir qualquer retrocesso”, frisou. Ele comentou a representação feminina no mercado de trabalho. “O que muitas vezes acontece é uma empresa colocar uma mulher para poder dizer ‘nós temos uma mulher aqui’, mas nós queremos ocupar 50% dos cargos. Nós somos



**Todos aqueles que descumprirem ou adotarem políticas ou gestos contrários à solidariedade, à justiça, às liberdades, agem contrariamente à Constituição”**

**Cármen Lúcia,**  
ministra do STF

50% da população e estamos capacitadas para chegar a essa posição”, assegurou.

Na parte da manhã, o ministro Edson Fachin foi o único homem a compor a mesa. Ele falou sobre a representação feminina nos cargos políticos. Na visão dele, é necessário educar meninos e homens para que, no futuro, não se choquem com um STF composto por 11 ministras. “Quando haverá mulheres suficientes no Supremo Tribunal Federal? Quando houver 11. É a resposta que rememora a Ruth Ginsburg, quando perguntada sobre isso”, afirmou, numa referência à juiz da Suprema Corte americana que lutava pelos direitos das mulheres e morreu em 2020, aos 87 anos, vítima de câncer.

## Cerceamento

Depois da abertura do evento, ocorreu o primeiro painel, *Preços e desapareços: violência custa a vida*, que contou com a presença da presidente do Tribunal Superior do Trabalho (TST), Cristina Peduzzi; da empresária Luiza Helena Trajano, do Conselho de Administração do Magazine Luiza; da economista Maria Sílvia Bastos Marques e da jornalista Flávia Oliveira.

Ao abordar o tema *O justo e o jurídico no (des)cuidado de gênero*, a ministra Cristina Peduzzi enfatizou que grande parte das garantias jurídicas voltadas ao zelo das mulheres eram, na verdade, formas de cercear as liberdades civis, políticas e sociais delas. A magistrada disse que as lutas pela equidade de gênero

mudaram um pouco esse quadro, mas que “ainda há muito a ser construído em termos de igualdade material”.

Na avaliação de Luiza Trajano, empresas que não contratam mulheres e negros ou não permitem que ele cheguem a cargos de comando não têm representatividade. “É preciso, também, pensar além do acesso ao emprego, para permitir que essas pessoas tenham ascensão profissional dentro das empresas”, disse a empresária, defensora da política de cotas raciais, na sua palestra *Oportunidades e embaraços para a mulher trabalhadora*.

O segundo painel *Dignidades/indignidades: ser no mundo*, foi guiado pela palestra da advogada Samara Carvalho Santos, que debateu o

feminino verde: as matas e as mortes. Já a cantora Zélia Duncan abordou a construção cultural da igualdade. Por sua vez, a embaixadora do Canadá, Jennifer May, explicou o olhar internacional sobre a violência contra a mulher.

Por fim, no terceiro painel *Passados e não passados*, foram debatidos assuntos como a perspectiva histórica da desigualdade de gênero, acesso à saúde: o justo/injusto para a mulher, e educação: formação e transformação. Os temas ficaram sob as responsabilidades da escritora e historiadora Heloísa Murgel Starling; da presidente da Rede Sarah, Lúcia Willadino Braga; e da professora Ana Frazão.

\*Estagiária sob a supervisão de Cida Barbosa